

A APRENDIZAGEM DA EMPATIA HISTÓRICA A PARTIR DE UM PROJETO SOBRE ANNE FRANK

Luísa Parreira Kattaoui¹

Resumo

Este texto tem como objetivo analisar os resultados em uma escola do projeto educativo *Aprendendo com Anne Frank*, realizado em 2018, que teve como principal ação a criação de uma exposição sobre a escritora. O Projeto foi potencializado por ter contado com a formação de mediadores entre os estudantes de 6º a 9º ano da escola, que impactaram o envolvimento dos colegas e de professores com a história da alemã. Os estudantes demonstraram uma aprendizagem significativa da Empatia Histórica. Este processo será analisado neste texto, a partir das propostas de ensino sobre o Holocausto, da pedagogia de Paulo Freire, do conceito de empatia histórica e da observação dos elementos da exposição museológica.

Palavras-chave

Empatia Histórica. Anne Frank. Memória do Holocausto. Exposição museológica. Protagonismo estudantil.

Recebido em: 20/10/2019

Aprovado em: 04/12/2019

¹ Pós-graduada em Psicopedagogia pela UEMG e graduada em História pela UFMG. Professora de História na Rede Municipal de Belo Horizonte. E-mail: luisaparreira.historia@gmail.com.

LEARNING HISTORICAL EMPATHY THROUGH A PROJECT ON ANNE FRANK

Abstract

This text aims to analyze the results of the educational project “*Learning with Anne Frank*” in a school, held in 2018, whose main action was the creation of an exhibition about the writer. The project was enhanced by having the formation of mediators among students from 6th to 9th grade of the school, which impacted the involvement of colleagues and teachers with the history of German. Students demonstrated significant learning of Historical Empathy. This process will be analyzed in this text, based on the teaching proposals on the Holocaust, Paulo Freire’s pedagogy, the concept of historical empathy and the observation of the elements of the museum exhibition.

Keywords

Historical empathy. Anne Frank. Holocaust memory. Museological exhibition. Student protagonism.

Introdução

Este texto tem como objetivo analisar os resultados da proposta pedagógica em uma escola do projeto educativo *Aprendendo com Anne Frank* realizado em 2018. O projeto se iniciou com uma exposição sobre a vida da escritora, advinda da parceria com o Núcleo Anne Frank em Belo Horizonte, em contato com o Instituto Plataforma Brasil - representante oficial da Casa Anne Frank no Brasil. As estratégias de ensino destacadas aqui foram a formação de mediadores entre os estudantes da escola e a construção de um espaço de memória que complementou a exposição.

Este texto está organizado de forma a descrever como o projeto foi desenvolvido e, posteriormente, apresentar uma fundamentação teórica em três frentes: a primeira, as reflexões sobre a memória, os testemunhos de sobreviventes do Holocausto e as potencialidades do ensino sobre o evento. A segunda, a pedagogia de Paulo Freire, que serviu como base para o Projeto. A terceira, a definição do conceito de Empatia Histórica e a análise da aprendizagem desta capacidade no espaço museológico. A partir dos autores trabalhados então, parte-se para uma análise dos resultados observados na escola.

A experiência do Projeto *Aprendendo com Anne Frank* na escola

O Núcleo Anne Frank – Belo Horizonte faz desde 2018 um projeto que visa abordar o Holocausto e as reflexões por ele acarretadas em instituições como escolas, universidades e centros culturais. O projeto *Aprendendo com Anne Frank* é uma iniciativa da Casa Anne Frank de Amsterdã, uma instituição fundada por Otto Frank, o pai da escritora do Diário de Anne Frank e único sobrevivente dentre as pessoas que viveram no anexo secreto².

² Anne Frank e mais sete judeus ficaram escondidos em um “anexo secreto” da fábrica de seu pai, Otto Frank, por mais de 2 anos, durante a ocupação nazista em Amsterdã, até serem descobertos e enviados a campos de concentração.

O foco deste trabalho é uma exposição itinerante composta por 03 painéis e alguns objetos. Os painéis têm os seguintes conteúdos: o anexo secreto onde Anne Frank se escondeu; 15 coisas que você precisa saber sobre Anne Frank; os personagens envolvidos (tanto escondidos como ajudantes). Os objetos são: Uma réplica do Diário; um passaporte de uma judia marcado com o J; uma cópia de um documento de campanha pró refugiados no Brasil; um selo alemão que condenava quem ajudava os judeus; uma *Menorá*, um objeto judaico; uma maquete do anexo secreto e uma da Casa Anne Frank; um diário em branco a ser preenchido pelas/os estudantes. Estima-se, a partir do número de assinaturas nos diários, que mais de 50 mil pessoas em Belo Horizonte tenham visitado a exposição até agora.

A proposta pedagógica da Casa Anne Frank tem como base a ideia de recordar, refletir e reagir. Além disso, propõe como estratégia a educação entre pares, ou seja, um diálogo mais horizontalizado, em que o jovem também tem o papel de ensinar e produzir, seguindo o exemplo da adolescente Anne Frank. A principal forma pela qual se dá a educação de pares no projeto é a mediação da exposição que é feita pelos próprios estudantes para seus colegas.

A instituição onde ocorreu a experiência relatada aqui é uma escola pública do Ensino Fundamental da rede municipal de Belo Horizonte, com 12 turmas de 1º ao 9º ano e 04na Educação de Jovens e Adultos. Ela funciona nos três turnos. No turno da manhã está o chamado 3º ciclo, o Ciclo da Adolescência, na Rede Municipal (6º ao 9º ano) e à tarde, os 1º e 2º Ciclos, da Infância e Pré-Adolescência (1º ao 5º ano). A escola faz parte do Programa Escola Integrada, com 170 crianças e adolescentes em tempo integral. Nos finais de semana, também funciona com o Programa Escola Aberta, recebendo pessoas da comunidade de diversas idades. Apresenta bons resultados em avaliações externas e tem um bom reconhecimento entre as pessoas do entorno e entre seus profissionais, apesar dos desafios que são impostos à realidade da comunidade e da educação pública.

A exposição *Aprendendo com Anne Frank: uma história que ensina valores* foi recebida em novembro de 2018. A visita da exposição teve duração de duas semanas, período no qual todos os estudantes, equipe profissional e alguns familiares tiveram a oportunidade de conhecer. A escola como um todo ficou envolvida, desde 1º ao 9º ano e a Educação de Jovens e Adultos (EJA). Professores de diferentes áreas do conhecimento, principalmente História, Literatura e Arte foram mobilizados na construção do conhecimento com os estudantes. A partir da conversa com a equipe de profissionais, foram organizadas diversas ações, além da exposição institucional. O objetivo era criar um grande envolvimento no tema durante o período, com intervenções no espaço e intervenções diárias nas aulas.

Os estudantes receberam folhetos explicativos, convidando toda a comunidade escolar, para conhecer a exposição, com horários especiais de funcionamento, inclusive nos finais de semana. Uma abertura oficial foi realizada com todos os membros da escola e convidados. Frases do livro de Anne Frank ficaram espalhadas pelo pátio. Foram disponibilizados na biblioteca livros sobre a temática do fascismo. As professoras de Arte fizeram trabalhos em sala com o tema para serem expostos. Estudantes e professora criaram e apresentaram um teatro de fantoche. Durante duas semanas, a biblioteca ficou exclusivamente mobilizada para a exposição.

As duas ações de destaque do Projeto que potencializaram a aprendizagem dos estudantes e que aqui serão analisadas foram: primeiro, a construção de um cenário que representou o quarto de Anne Frank como forma de complementar a exposição pela equipe de professores em conjunto com alguns estudantes e, segundo, a formação de alguns estudantes da escola como os mediadores das exposições.

O espaço escolhido para representar o quarto de Anne Frank foi uma escada e um corredor ocioso ao lado das salas de aula do segundo andar. A ideia era criar a estante que escondia o anexo e, na subida para o quarto, fazer intervenções que possibilitassem ao visitante se sentir como a escritora judia, através de uma ambientação com uma música que remete à cultura judaica,

além da escuridão do local. Uma linha do tempo foi afixada nas paredes da escada que levavam ao quarto, apresentando simultaneamente fatos históricos internacionais e momentos diferentes do Diário, repleta de fotografias da família de Anne e da guerra, além de trechos importantes do livro. A estante ganhou palavras estampadas nas pastas como “resistência”, “arte”, “coragem”. A entrada deste ambiente recebeu um banner de 5,5m por 7 metros com a fotografia da Anne Frank Haus em Amsterdã. O quarto apresentava detalhes como: a parede que recebe imagens de artistas e personalidades como Anne fez, o rádio em que escutavam as notícias, um casaco marcado pela estrela de Davi, livros, jornal em holandês e o diário com a capa xadrez e uma página com a letra original da adolescente.

Para formar os mediadores da exposição, foram selecionados em torno de 30 estudantes de 6º ao 9º ano no turno da manhã. Estes leram o livro de Anne Frank e estudaram material disponibilizado pelos professores de História. Dentre a formação desta equipe, foram oferecidas aulas sobre Fascismo, Nazismo e Segunda Guerra Mundial, discussão sobre as leis antisemitas, a apresentação do material da exposição, reflexão sobre formato da mediação, a exibição do documentário “A curta vida de Anne Frank” e do filme “O Diário de Anne Frank”, uma conversa com um representante da comunidade judaica e o depoimento de Henry Katina, sobrevivente do Holocausto. Os mediadores foram organizados em duplas para apresentarem as exposições para as turmas de seus colegas em horários organizados pela Coordenação. Desta forma, todas as turmas tiveram a oportunidade de conhecer a história de Anne Frank e o contexto de sua vida. Além disso, alguns mediadores adolescentes se prontificaram a fazer mediação para os estudantes de 1º e 2º Ciclos e da EJA, estendendo seus horários na escola.

No turno da tarde, algumas crianças, estudantes do 4º e 5º anos, reivindicaram à Coordenação mais participação e também passaram a integrar as formações com os adolescentes e a fazer a mediação para seus colegas, no horário de almoço da escola e no intervalo do recreio, sendo as visitas todas organizadas por estes alunos. O final destas duas semanas de exposição

coincidiu com a data da Mostra Cultural dos estudantes de 1º a 5º ano, que aconteceu em um Sábado, com uma grande presença de familiares e da comunidade. Neste evento, os estudantes de 4º e 5º anotiveram a oportunidade de atuar como mediadores da exposição *Aprendendo com Anne Frank* para seus próprios pais, avós e irmãos. O envolvimento das famílias foi grande, pela satisfação de ver as crianças demonstrarem grande conhecimento.

No início de 2019, Direção e Coordenação avaliaram o Projeto, dentre todas as ações do ano anterior, e perceberam que foi um processo tão significativo para a comunidade escolar que foi pensada em uma homenagem à adolescente que inspirou toda esta movimentação, mudando o nome da Biblioteca para Anne Frank. Os mediadores que protagonizaram o processo no ano anterior foram chamados a contribuir com as ideias e planejamento da promoção desta homenagem. A escola fez a reinauguração da biblioteca em um sábado festivo, lembrando o projeto com relatos de estudantes, professores e convidados parceiros. Além disso, promoveu um concurso de desenho com o tema Anne Frank e Literatura, cujo vencedor tornou-se responsável por pintar a parede de entrada da biblioteca. Foi montada uma exposição permanente com duas maquetes da Casa Anne Frank e o anexo secreto, fotografias de Anne Frank e seus familiares, uma réplica do diário produzida pela escola e um álbum de fotografias do projeto no ano anterior. A escola também adquiriu uma seleção de livros relacionados ao tema do Fascismo e do Holocausto, inclusive várias publicações com versões do Diário em quadrinhos e ilustrado, e fez também uma estante de destaque, promovendo a leitura e pesquisa.

Fundamentação teórica

Para compreender e analisar a experiência vivenciada na escola foram utilizadas algumas referências: a primeira delas, mais específica sobre o tema do Holocausto discorre sobre as estratégias do ensino sobre este período histórico. Em segundo lugar, a perspectiva de Paulo Freire para uma educação voltada para o desenvolvimento da autonomia, já que as ações na escola foram

planejadas com o protagonismo dos estudantes. Em terceiro, o conceito de Empatia Histórica é utilizado para a compreensão da aprendizagem dos estudantes e como a construção de um espaço de memória para os visitantes experimentarem emoções pôde potencializar a aprendizagem da empatia histórica.

Historicizando a construção da memória e das estratégias de ensino sobre o Holocausto

O contexto histórico de vida da Anne Frank é o contexto do período entre guerras, da ascensão do Nazismo na Alemanha e da Segunda Guerra Mundial. Em seu livro, a crescente perseguição aos judeus afeta a vida da adolescente até que sua família decide se esconder no anexo secreto. O final desta história é trágico, com a morte de quase todos em campos de concentração. O pai da adolescente foi o único sobrevivente e carregou o legado da filha, publicando o *Diário de Anne Frank* pela primeira vez em 1947, e assim, atuando na construção da memória sobre o Holocausto.

Alguns autores que trabalham a construção da memória sobre o Holocausto apontam para momentos diferentes na relação estabelecida sobre os testemunhos de sobreviventes. Vera Regert (2009) descreve três fases, definidas por Stefano Zampieri, de testemunho das vítimas: a primeira logo após o fim da Guerra, nos anos finais da década de 1940, período marcado por pessoas preocupadas em se refazer de um momento decadente e de se manterem afastadas do conhecimento desse passado tão recente. Para os sobreviventes, restava uma “política do silêncio”. Michael Pollak (1989) explica que, entre outros fatores, este silêncio sobre o passado estava ligado em primeiro lugar à necessidade de encontrar um modo de viver com aqueles que assistiram à sua deportação. Este autor aponta que as lembranças individuais transmitidas no quadro familiar, em associações, em redes de sociabilidade afetiva e/ou política resistiram durante dezenas de anos até que pudessem se opor à memória nacional. A segunda fase ambientada no final da década de 1950, quando a

Europa consegue recuperar sua estabilidade e garantir seu crescimento econômico, vai se configurar um momento mais propício para a escuta dos sobreviventes (REGERT, 2009). Neste momento, Otto Frank cria a Casa e a Fundação Anne Frank. A terceira fase é marcada pela prisão e pelo julgamento de Eichmann nos anos 1960, pois deu visibilidade a várias testemunhas ao ser transmitido na mídia internacional. Apesar de já existirem anteriormente publicações de testemunhos, a recepção a estes se expandiu neste momento. Carlos Reiss (2018) destaca também que a partir da década de 1970, a institucionalização da rememoração do Holocausto se intensificou e se multiplicaram as iniciativas de formação de museus sobre este assunto pelo mundo e as abordagens científicas deste evento enquanto objeto de estudo. Com esse processo, começou-se a pensar nas estratégias e na sua importância educativa.

Regert (2009) destaca um outro movimento a partir da década de 1960 em que os sobreviventes, mesmo idosos, retomam a narrativa do Holocausto e da sua repercussão, com grande potencial reflexivo:

Na realidade, as vítimas GERAM uma verdade outra por meio do processo discursivo, funcionando como forte elemento na formação da civilização e na transmissão de conhecimento entre os seres humanos. Assim, ajudam a divulgar, organizar e valorar os acontecimentos, favorecendo o entendimento da própria trajetória pessoal e também histórica.

Para muitas testemunhas, o relato constitui-se requisito para a própria sobrevivência, para a preservação da sanidade, para a restauração da sua identidade pós- Holocausto, para sua reintegração na vida. Pode atuar como momento de revisão da História, propiciando crítica a valores tidos como incontestáveis, dando voz aos menos favorecidos, social e historicamente, favorecendo a (re)visita a um passado e a uma situação não elaborados nem assimilados. (REGERT, 2009, p.8-9, grifo do autor)

A partir da discussão sobre os percursos da memória até então, Reiss (2018), coordenador do Museu do Holocausto de Curitiba, sugere aspectos que devem ser discutidos para uma abordagem consciente do evento no âmbito da

educação. Em primeiro lugar, não reforçar que mesmo se estudando muito, não é possível entender o que foi o holocausto, por ser considerado “horrrível” ou extra-humano. A proposta é de colocar este, como todos os outros eventos, inserido na História e, portanto, explicáveis e racionais. O segundo aspecto a ser observado é do seu “ineditismo”, problematizando a ideia corrente de que foi um evento sem precedentes. É necessário questionar o que há de fato de inédito neste evento, o que pode ser comparável a outros eventos e quais os critérios de comparação para tal. Desta forma, as reflexões podem ser estendidas para outros eventos e para outros comportamentos, trazendo o passado para diálogo com o mundo que nos cerca. O terceiro aspecto a ser discutido se relaciona com a oposição entre particularismo e universalismo do Holocausto. Uma abordagem mais adequada ultrapassa essa discussão, em uma perspectiva capaz de respeitar a memória das vítimas e sua identidade, ao mesmo tempo em que lança um olhar sobre seu legado, por exemplo, a partir das discussões sobre os Direitos Humanos.

Ao discutir a “personificação da Shoá”, Reiss problematiza o trabalho feito com o Holocausto entre os anos 1960 e 1980, caracterizando-o como a “pedagogia do Horror”, ou seja, a preocupação com a quantidade de mortes, as exposições com o objetivo de chocar. O autor aponta que, recentemente, se tem dado mais importância às experiências das pessoas reais, tirando o foco da morte em massa. Desta forma, relatos, diários e outros registros ganharam um espaço especial em sua capacidade de gerar empatia e colocar em questão as posturas que foram tomadas pelas pessoas diante dos acontecimentos, com maior potencial reflexivo.

Regert (2009) também enfatiza que a lembrança sobre o Holocausto deve ser capaz de questionar o presente político, não apenas nossa atitude moral:

Lembrar e ensinar sobre o Holocausto significa colocar [...] em discussão a arqueologia da nossa modernidade, as estruturas disciplinares e de exclusão social, o peso do conformismo numa sociedade individualista de massa, o primado da visão biológica sobre a política, esclarece-nos o historiador Georges

Bensoussan, tornando-se MEMÓRIA VIVA e atuante.
(REGERT, 2009, p.14, grifo do autor)

Aponta também para a necessidade de se investigar mais sobre o evento para a construção de novos conhecimentos:

[...] Mas é necessário continuar pesquisando, estudando, perguntando e procurando encontrar respostas para acerrar totalmente o que foi o Holocausto e o que permitiu que ele se efetivasse. Levantar hipóteses e suscitar a reflexão. Investigar para promover conhecimento. Estar em sintonia com outros teóricos que buscam compreender melhor o Holocausto. Instigar as novas gerações a considerarem o assunto. Assegurar o espaço devido à memória e à verdade histórica, em favor da Educação. (REGERT, 2009, p.15-16)

117

A Pedagogia da Autonomia de Paulo Freire

A base teórica do processo do protagonismo de ensino e aprendizagem do Projeto é a pedagogia de Paulo Freire (1996). Para o pedagogo, ensinar não é transferir conhecimento, mas criar possibilidades para sua produção ou a sua construção. Desta forma, a escola deve ser um ambiente para educadores e educandos criadores, instigadores, inquietos, rigorosamente curiosos, humildes e persistentes e deve estar conectada com o que está acontecendo no mundo.

Freire defende uma postura de humildade e respeito do professor aos saberes e potencialidades dos estudantes, para que seja possível que todos os sujeitos aprendam e produzam conhecimento no processo. Para ele, há que se partir do pressuposto que o educador já teve ou continua tendo experiência da produção de certos saberes e que estes não podem ser simplesmente transferidos aos educandos. Desta forma, estes se transformam em reais sujeitos da construção e da reconstrução do saber ensinando, assim como o educador, igualmente sujeito do processo.

É preciso que, pelo contrário, desde os começos do processo, vá ficando cada vez mais claro que, embora diferentes entre si, quem forma se forma e re-forma ao formar e quem é formado forma-se e forma ao ser formado. É neste sentido que ensinar não é transferir conhecimentos, conteúdos nem formar é ação pela qual um sujeito criador dá forma, estilo ou alma a um corpo indeciso e acomodado. Não há docência sem discência, as duas se explicam e seus sujeitos, apesar das diferenças que os conotam, não se reduzem à condição de objeto, um do outro. Quem ensina aprende ao ensinar e quem aprende ensina ao aprender. Quem ensina ensina alguma coisa a alguém. (FREIRE, 1996, p.12)

Outra questão que é importante destacar em Freire (1996) é a sua relação com a ética e a luta pelos direitos dos educandos e educadores, enfatizando que a História é um tempo de possibilidades e não de determinismo. Desta forma, critica o que ele chama de “educação bancária”, ligada à memorização e repetição desconectada da realidade:

O intelectual memorizador, que lê horas a fio, domesticando-se ao texto, temeroso de arriscar-se, fala de suas leituras quase como se estivesse recitando-as de memória - não percebe, quando realmente existe, nenhuma relação entre o que leu e o que vem ocorrendo no país, na sua cidade, no seu bairro. (FREIRE, 1996, p.14)

Para que o educando possa aprender a aprender, Freire fala da “curiosidade epistemológica”, que passa por um rigor científico, superando o que ele chama de “curiosidade ingênua”. Para isto, o processo de aprendizagem passa por gerar no aprendiz curiosidade crescente e é preciso diálogo, ato comunicativo, o reconhecimento do inacabamento do ser humano por parte do educador e do educando e da compreensão de que o conhecimento também pode mudar:

Daí que seja tão fundamental conhecer o conhecimento existente quanto saber que estamos abertos e aptos à produção do conhecimento ainda não existente. Ensinar, aprender e pesquisar lidam com esses dois momentos do ciclo gnosiológico: o em que se ensina e se aprende o conhecimento

já existente e o em que se trabalha a produção do conhecimento ainda não existente. (FREIRE, 1996, p.15)

O conceito de Empatia Histórica e a sua aprendizagem no espaço museológico

119

Edinalva Aguiar (2018) afirma que o termo *empatia* pressupõe situações subjetivistas nas quais o indivíduo coloca-se no lugar do outro, no intuito de vivenciar seus sentimentos e emoções, experiência que tende a contribuir para nos imunizar da indiferença no trato entre os seres humanos:

Sob esse ponto de vista, a empatia histórica pode ser entendida como uma apreensão, uma forma de olhar, explicar e compreender as ações dos sujeitos no passado. Nesse sentido, é correto afirmar que ao invés de trazer o passado para o presente, a ação empática nos remete para o passado com todo o seu contexto. (AGUIAR, 2018, p.111)

Mariana Silva (2018) explica que a empatia histórica tem três componentes: cognitivo, afetivo e comportamental. O primeiro se refere a uma capacidade de inferir com precisão os sentimentos e pensamentos do outro, sem necessariamente experimentar os mesmos sentimentos. O segundo à capacidade de compartilhar emoções e o terceiro se relaciona à compreensão acerca da situação vivenciada através de comunicação verbal e não-verbal.

Silva (2018) defende que a empatia histórica exige um processo de análise profundo de fontes históricas para ter um amplo conhecimento sobre o passado e requer um processo disciplinado por parte do estudante, assim como o de um historiador quando investiga um dado acontecimento. Neste sentido, o trabalho do professor é fornecer aos alunos o máximo o contato com uma série de fontes, múltiplas perspectivas e dados informativos que os contextualize devidamente, em relação à época a ser estudada. Assim, os estudantes seriam capazes de recriar o “mundo” onde viveram as pessoas do passado e afastar-se da sua visão contemporânea:

No ensino da História não importa só a componente emocional, com o objetivo de compreender o outro, mas antes percebê-lo através da construção do passado, que exige conhecimento das fontes históricas. A empatia histórica não implica que os alunos tenham o mesmo sentimento que o agente histórico, mas antes que percebam como ele pensou e sentiu, ou seja, que se coloquem no seu lugar. (SILVA, 2018, p.19)

Para Aguiar (2018), em termos aquisição e desenvolvimento de valores, a empatia histórica serve para “humanizar” a história apresentando um olhar mais sensível acerca das pessoas do passado em relação às do presente, estabelecendo vínculos relacionais e compreensão dos processos históricos, despertando o senso de respeito à diversidade cultural e ao humano, seja passado, seja contemporâneo.

Geerte Savenije & Pieter de Bruijn (2017) enfatizam a importância da dimensão afetiva da empatia histórica para a compreensão cognitiva e afirma que pesquisas na área da psicologia sugerem que os aspectos cognitivos e afetivos são interdependentes. Desta forma, a empatia seria um processo de compreensão e de relacionamento emocional aos pensamentos e sentimentos de outros. Estes autores fizeram uma pesquisa através de uma visita de estudantes em uma exposição sobre crianças na Segunda Guerra Mundial, buscando compreender a aprendizagem da empatia histórica. Assim, apresentaram como as estratégias museológicas provocaram a imaginação e evocaram reações carregadas de emoções que serviram para estimular a compreensão de eventos e de atores do passado. Eles apontam como estratégias que incentivaram o desenvolvimento de empatia nos estudantes: elementos que deram um sentido de imersão e uma atmosfera de intimidade; uso de histórias pessoais diversas; textos escritos em primeira pessoa retirados de documentos reais; documentos autênticos como vídeos, áudios e fotografias de família; o fato de ter sido uma exposição na perspectiva de crianças, já que colocavam os adolescentes mais próximos dos personagens. Analisaram também a importância da presença de objetos exibidos que continham uma história pessoal vinculada a uma pessoa. Esta narrativa fazia com que o objeto se destacasse na memória dos estudantes e estes relataram perceber observando estes objetos que “foi real, aconteceu de

verdade”. Além disso, os autores enfatizam a importância de promover um diálogo e um debate na visita:

As most of the students did not feel emotionally attached to WWII, it is interesting to note that many of them were triggered by the exhibition’s focus on personal stories, which primarily relied on methods of character focalization to recount narratives of WWII through the eyes of those who had directly experienced it. (SAVENJIPE & BRUIJN, 2017, p.6)

Análise dos resultados observados

Para este texto serão levados em consideração dois resultados específicos relacionados ao sucesso do Projeto *Aprendendo com Anne Frank* na escola. O primeiro é a aprendizagem dos estudantes em relação ao contexto e à vida de Anne Frank e o grande envolvimento afetivo com a menina. O segundo resultado a ser analisado neste texto está voltado para a mudança na relação que os estudantes estabelecem com o conhecimento, impactando também a visão que os professores têm sobre os estudantes.

O fato do projeto se basear no nome de Anne Frank favorece o desenvolvimento da aprendizagem da empatia histórica, já que parte de uma história pessoal individual, a partir de seu diário, que é um tipo de documento valioso para a compreensão dos pensamentos e emoções mais íntimas. E, ainda, a idade em que a menina escreve coincide com o momento em que os estudantes adolescentes passam, o que os aproxima da escritora e de suas vivências.

Desta forma, o valor pedagógico do testemunho de Anne Frank ficou reforçado no trabalho desenvolvido na escola, assim como era a proposta. Corroborando com a importância da personificação da Shoá, relevante para a compreensão do evento em seus diversos níveis, como sugere Reiss (2018) e Regert (2009). Além disso, a equipe propôs a leitura de outras biografias e os estudantes mediadores tiveram a oportunidade de escutar o testemunho de um

sobrevivente que vive na cidade, o que potencializou a relação afetiva que os adolescentes estabeleceram com o evento, além de fazer com que percebessem a magnitude do impacto global do Holocausto, que chega inclusive a uma pessoa próxima da escola.

O material dos painéis que apresentam os moradores do anexo secreto e os seus ajudantes foi essencial para dar rostos para diferentes tipos de papéis que as pessoas desempenharam no período. Este processo permitiu uma análise mais ampla sobre o passado, percebendo diferentes posicionamentos e como as redes de relações entre as pessoas funcionavam dentro do contexto.

A exposição montada pelo Núcleo Anne Frank também apresentava outros elementos para ampliar o conhecimento dos estudantes sobre o contexto: objetos da cultura judaica e à história de outros judeus perseguidos no Nazismo, fotografias do período e a maquete do anexo secreto. Além disso, na linha do tempo afixada pela escola a partir do material da Casa Anne Frank, era possível estabelecer relações entre acontecimentos mundiais e o que estava acontecendo na vida pessoal da menina. Estes documentos apresentam múltiplas perspectivas e serviam como fontes para que o visitante se aprofundasse na investigação do acontecimento histórico, para que estes consigam recriar o “mundo” onde viveram as pessoas do passado e assim afastar-se da sua visão contemporânea. Desta forma, corroborando com as necessidades para a aprendizagem da empatia histórica sinalizadas por Silva (2018).

O quarto da Anne Frank criado pela escola potencializou esta aprendizagem, investindo em elementos que remetem ao componente afetivo da empatia histórica, gerando emoções na sua visita, assim como descreve Savenije (2017) no seu trabalho. A ambientação pela escuridão, pela música, pelo espaço restrito e pelo silêncio que era pedido para os visitantes na sua entrada pela estante provocava imersão destes, numa tentativa que se sentissem como a adolescente se escondendo. Os objetos pessoais que foram expostos no quarto: seu casaco com a estrela de Davi, as fotos que a escritora afixava na parede, o

rádio, seus livros e seu diário aberto com uma caneta na escrivaninha remetiam à sua presença. Cada objeto continha uma história. Aproximava o visitante da veracidade dos fatos e os provocavam a imaginar-se no seu lugar. As fotos de família presentes na linha do tempo atestavam a existência daquelas pessoas.

O trabalho dos mediadores da exposição potencializou todo o processo de aprendizagem. Mesmo com as diferenças de atuação entre eles, estes atores geralmente contextualizavam a vida de Anne Frank, elencando fatos históricos relevantes e explicando o que foram os campos de concentração, por exemplo. Neste sentido, faziam o que Reiss (2018) chamou atenção em historicizar o evento.

Os mediadores fizeram um estudo do Diário de Anne Frank e se identificaram muito com a sua história. Este envolvimento conseguiu fazer com que as suas visitas ganhassem um caráter mais íntimo. Eles descreviam a rotina dos moradores do anexo secreto, na tentativa de fazer com que o visitante compreendesse também como o medo, por exemplo, perpassava pelos hábitos destes fugitivos. Relatavam pensamentos, interesses, sonhos, conflitos da menina registrados em seu diário, tanto aqueles relacionados ao momento histórico, tanto os pessoais, como por exemplo, de sua relação com sua mãe e de sua vida amorosa. Elementos dos quais faziam analogias com suas próprias vivências e de seus processos de adolescer. Além disso, estabeleciam relações entre passado e presente.

Por meio das ações deste projeto os estudantes se apropriaram do tema da exposição e expandiram a aprendizagem, promovendo relações com a discriminação e perseguição de outros grupos e valorizando a importância dos Direitos Humanos e da Democracia relacionando-se com a ideia proposta por Regert (2009) de manter os testemunhos como memória viva e atuante. Também corrobora com o apontamento feito por Aguiar (2018) de que a aprendizagem da empatia histórica desenvolve um senso de respeito à diversidade cultural e ao humano, seja passado, seja contemporâneo.

Os adolescentes promoveram debates relevantes para o contexto brasileiro em suas visitas, estando a educação conectada com o que está acontecendo no mundo, assim como a pedagogia de Freire (1996). O período da exposição coincidiu com as eleições de 2018, quando havia um acirramento político e o país estava discutindo várias pautas sociais. Os estudantes pegaram como gancho o que aconteceu com Anne Frank para provocar reflexões sobre os perigos de um discurso de ódio. Os estudantes também problematizaram o ineditismo e unicidade do Holocausto, como Reiss (2018) sugere, estabelecendo relações com a história dos negros no Brasil. Desta forma, reforçavam o compromisso com a ética e a luta contra toda forma de discriminação, assim como a pedagogia de Freire (1996).

Durante todo este processo, ficou evidente que a aprendizagem destes educandos não aconteceu por uma transmissão de conteúdo do professor, mas partiu de uma curiosidade crescente dos adolescentes, que desenvolveram pesquisas a partir de várias fontes, se aproximando da rigorosidade metódica proposta por Freire (1996) e do desenvolvimento da curiosidade epistemológica. Além disso, foram capazes de produzir conhecimento, ao promoverem diferentes relações entre passado e presente, ao criarem possibilidades de compreender a vida de Anne Frank a partir das suas vivências individuais e ao construir estratégias para atuar como mediadores da exposição. Desta forma, sendo coerente novamente com a pedagogia de Freire (1996) e, ainda, corroborando com a proposta de Regert (2009) sobre as possibilidades do ensino com os testemunhos de sobreviventes.

A partir da mediação nos espaços, as crianças e adolescentes provocaram um deslocamento da visão tradicional de quem ensina e quem aprende, impactando na forma como eram vistos na escola e na forma de se relacionarem com o conhecimento. Durante todo o projeto os estudantes atuaram como formadores, questionando, instigando e ensinando seus pares e outros estudantes e professores da escola. Assim, percebeu-se a educação como uma troca, como defende Paulo Freire (1996), que afirma que ninguém educa

ninguém, os homens se educam em comunhão e que a linguagem é uma forma de ação social.

Os mediadores também foram capazes de transmitir esperança aos visitantes, observada nas mensagens deixadas no livro de registro e no quadro que foi colocado na escola. Os estudantes falaram do talento de Anne Frank e de seu pensamento otimista e humano. Assim, foi percebido que os adolescentes e as crianças da escola se viam, assim como Anne Frank, sujeitos capazes de atuar no mundo. Muitos deles avaliaram o projeto como transformador do ponto de vista pessoal. Desta forma, a escola também segue uma perspectiva freiriana, ao provocar os jovens a reconhecer que a História é tempo de possibilidade e não de determinismo.

Após o término da exposição, foi possível perceber alguns impactos entre estudantes e entre a equipe de professores. Em 2019, a metodologia utilizada com os estudantes permaneceu como uma referência de trabalho. As crianças e, principalmente, os adolescentes demandaram saber a continuidade do Projeto Anne Frank, alguns se voluntariaram e pediram veemente para poderem ser os mediadores da próxima exposição. Além disso, foi observada uma postura mais ativa e participativa dos estudantes, que pesquisam e questionam o que é ensinado, tendo prazer em compartilhar aquilo que aprendem. Entre os professores, a avaliação muito positiva de quem fez a visita com seus estudantes mediando, transformou em parte a prática pedagógica. Alguns professores em 2019 desenvolveram projetos com temas diferentes, mas utilizando a estratégia de incentivar que os alunos fossem os protagonistas.

Portanto, a partir desta observação, concluiu-se que a aprendizagem dos estudantes em relação ao contexto e à vida de Anne Frank e o envolvimento afetivo que demonstraram se assemelham ao desenvolvimento da empatia histórica. Percebe-se que a construção do quarto como um espaço de memória contribuiu para o componente emocional da empatia e o processo de formação dos mediadores foi importante para que fossem adquiridas capacidades cognitivas da pesquisa histórica. A estratégia de incentivar estes mediadores como produtores de conhecimento promoveu o desenvolvimento da curiosidade

epistemológica (Freire, 1996). Além disso, o ensino sobre o holocausto a partir de relatos de vidas e estabelecendo diversas relações com o presente e com outros eventos potencializou uma educação ética, voltada para a promoção dos Direitos Humanos.

Referências

AGUIAR, Edinalva. *A realização da Empatia Histórica no Ensino e Aprendizagem da História*. In: Cadernos de Pesquisa: Pensamento Educacional, Curitiba, v.13, n.33, p. 109-124, Jan/Abr 2018.

FREIRE, Paulo. *Pedagogia da autonomia*. São Paulo: Editora Paz e Terra, 1997.

_____, *Cartas a Cristina: reflexões sobre minha vida e minha práxis*. 2a ed. São Paulo: UNESP, 2003.

POLLAK, Michael. Memória, esquecimento, silêncio. In: *Estudos Históricos*, Rio de Janeiro, vol. 2, n. 3, 1989, p. 3-15.

REGERT, Vera. *Releitura da História do Holocausto por meio da escritura autobiográfica das vítimas*. In: Fênix – Revista de História e Estudos Culturais Julho/ Agosto/ Setembro de 2009 Vol. 6 Ano VI no 3 ISSN: 1807-6971^[L]_[SEP]

REISS, Carlos. *Luz sobre o caos: educação e memória do Holocausto*. Rio de Janeiro: Imprimatur, 2018.

SAVENIJE, Geerte M. & BRUJIN, Pieter de. *Historical empathy in a museum: uniting contextualisation and emotional engagement*, International Journal of Heritage Studies, 2017.

SILVA, Mariana. O conceito de Empatia Histórica. In: *A Empatia como estratégia para o Ensino-Aprendizagem em História*. Relatório realizado no âmbito do Mestrado em Ensino de História no 3o ciclo do Ensino Básico e no Ensino Secundário, orientado pelo Professor Doutor Luís Alberto Marques Alves, Faculdade de Letras da Universidade do Porto, p. 13-32, 2018.